

## ENSINO DE ARTE E FORMAÇÃO PROFISSIONAL FEMININA: MERCADO DE TRABALHO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Carolina Marielli Barreto. Escola Técnica Estadual de Carapicuíba do Centro Paula Souza  
[Carolina\\_marielli@hotmail.com](mailto:Carolina_marielli@hotmail.com)

O presente estudo busca a reflexão sobre as práticas curriculares e o papel do ensino de arte na formação profissional das educandas Escola Profissional Feminina de São Paulo (EPFSP) na primeira metade do século XX e sua influência do mesmo na inserção da mulher no mercado de trabalho. A criação em 1911 da EPFSP foi um projeto e uma experiência pioneira do ponto de vista das políticas educacionais públicas, pois se destinava ao 'ensino das artes tidas como femininas aplicadas à indústria'. Criadas juntamente com a Escola Profissional Masculina de São Paulo, ambas tinham como finalidade preparar mão de obra qualificada e apta a crescente industrialização que se processava em São Paulo. Tais escolas foram dirigidas aos filhos dos trabalhadores que deveriam seguir a profissão dos pais. O objetivo era educar as crianças e jovens do meio fabril com base na ordem, na disciplina, na devoção ao trabalho e cultivar o elevado espírito patriótico. Mas qual o papel do ensino da arte nessa história? O ensino da arte, mas propriamente dito o ensino do desenho assumiu papel relevante na educação para o trabalho, seja ele como objeto disciplinador, ou como forma de aperfeiçoar a mão-de-obra e cultivar o espírito do trabalhador. No que se refere a EPFSP a prática do desenho surge num primeiro momento no currículo das educandas com a clara finalidade de 'adestrar'. Ao acompanhar o desenvolvimento das funções e práticas do desenho ao longo da história da escola percebemos que cada vez mais ele se firmava como instrumentalização para o trabalho cada vez mais racional e eficiente. O pouco espaço existente para expressão individual se dava estritamente dentro dos cânones técnicos, por meio do incentivo à criação de desenhos 'próprios', como a criação de um padrão para elaboração de uma renda, um diagrama de bordado ou o desenho de um modelo de vestimenta. Nesse sentido o curso de *Pintura* foi o que possibilitou uma maior liberdade de criação. Pelo fato deste acompanhar as demandas impostas pela comunidade como criação de cartazes e outros trabalhos práticos, tendo como ponto crucial a idéia geradora do mesmo. Existia dentro da escola uma preocupação muito grande com aplicabilidade e utilidade dos conhecimentos ali difundidos. Porém essa concepção de ensino, pautado na demanda, mesmo que no caso esta fosse fictícia, tem suas origens nas práticas das corporações de ofício e fora amplamente utilizadas ao longo da história, e cabe lembrar que seu modelo foi o gestor da concepção de métodos desenvolvidos para os cursos de formação de *designers* ainda existentes dentro do ambiente acadêmico seja ele técnico ou superior. Em relação à educação estética essa foi uma eficiente ferramenta ideológica e de formatação de comportamentos. Se pensarmos que a criação por parte das alunas era incentivada como diferencial de produção, esta deveria estar de acordo com o referencial apresentado as mesmas de forma direta ou indireta. Os modelos implícitos no ambiente escolar pautavam o que era considerado de *bom gosto* ou *na moda* e aceito pelos padrões da sociedade da época, logo esse fator determinava aquilo que seria mais facilmente vendido. Nesse sentido ao refletir sobre como se deu a profissionalização de tais moças e os papéis que ensino de arte e o desenho tiveram nesse processo podemos apontar que dentre as possibilidades oferecidas pela escola estava o exercício da docência nas diversas modalidades técnicas exercidas pela escola, inclusive do desenho. Segundo os jornais da época as moças terminavam seus cursos com emprego garantido na ampla rede de escolas que se abria principalmente no Estado de São Paulo. Essa possibilidade se torna tão evidente e real ao ponto da elaboração de um novo capítulo apresentando um modelo de programa de aulas para o ensino de *Trabalhos Manuais* no livro didático utilizado pela instituição denominado *Tecnologia das Artes Ofícios Femininos* escrito pela Prof<sup>a</sup>. Freitas. Outra possibilidade que surge como forma de profissionalização é a

formação de ateliês de costura e/ou bordado, autônomos ou funcionando muitas vezes na casa das moças que trabalhavam a partir de encomendas. Ambas as possibilidades não apresentavam nada de inovador ou transgressor no que se refere às representações femininas dentro do mundo do trabalho, pelo contrário eram modelos já bastante tradicionais e aceitos pela sociedade, possibilitando uma maior aceitação do exercício profissional conferindo as mesmas uma autonomia financeira ou um primeiro passo para uma o estabelecimento de uma carreira ou administração de um negócio próprio. É importante ressaltar que todo racionalismo e tecnicismo disciplinarizador da escola tinha um aspecto positivo quando pensamos em termos mercado de trabalho e mercado de produção. O empreendedorismo fica evidenciado ao analisar a segunda edição do livro da Prof<sup>a</sup>. Freitas onde questões são abordadas fugindo da possibilidade do simples emprego em uma linha de produção fabril ou do manufaturismo doméstico desordenado, tais como: problemas administrativos, econômicos e técnicos; Material direto e indireto; Trabalho direto e indireto; Orçamento; Contabilidade; Contabilidade doméstica; Receita e despesa; Classificação dos lucros segundo a renda; Distribuição da renda; Reserva e Propaganda. A própria Prof<sup>a</sup>. Freitas mantinha um ateliê que prestava serviço a famosas ‘casas de moda’ da época e contava com a prestação dos serviços de algumas suas ex-alunas e alunas e para execução de tais encomendas. Apesar de tal publicação ser datada da década de 1950 é possível perceber essa tendência já na década de 1920 através de pareceres e relatórios da época. Sob esse aspecto o estudo e a revisão da história de uma prática de ensino repleta de singularidades podem subsidiar a compreensão de sua fundamentação teórica e das origens de algumas práticas pedagógicas. Tal revisão é de grande importância, pois as práticas, teorias e concepções pedagógicas são frutos de seu tempo e suas influências atuam sobre os educadores de forma direta ou indireta e muitas vezes distorcida, assim podemos refletir sobre as origens das práticas e dos preconceitos pedagógicos ainda existentes no campo do ensino de arte e do *design*.

Palavras-chave: Profissionalização feminina. Ensino de arte. Práticas curriculares. Design. Docência.